

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

Parte I Capítulo 3: Palavras Confidenciais
 (colm. de texto
 num. em anexo)

**SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
 GABINETE DO SECRETÁRIO
 FÓRUM DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO**

Professor Paulo Freire

Minhas amigas e meus amigos de cá e de lá, dizia recentemente, numa entrevista quase impossível, que por mais estranho que pareça, eu sou um sujeito chegado à timidez. Acontece é que depois vou começando e esqueço, e, pondo entre parênteses a timidez até me abro um pouco mais, e hoje, aqui, com toda uma série de coisas que eu vi, que ouvi, gente que me abraçou, que conversou comigo, essa maneira tão afetiva, carinhosa; o carinho com que Paulo me recebe, o abraço de Wagner Rossi que conheci, lendo no meu exílio e a quem conheci pessoalmente depois nos Estados Unidos, e a quem quero e a quem admiro; o abraço do Gadotti, que junto com o Paulo de Tarso é responsável pelo fato de eu não estar agora na UNICAMP com os estudantes, tudo isso me toca, realmente...

Faz 20 anos, ou 19, por aí, que estivemos juntos, Paulo de Tarso e eu: ele, ministro, conversando na possibilidade de um trabalho que na verdade se começou a fazer e que foi proibido de continuar. Depois a gente se reencontra no exílio. Eu me lembro, por exemplo, em Santiago, das serenatas que ele inventava. Até que um dia ele conheceu um chofer chileno e os dois se descobriram amorosos das cantigas e o chofer não cobrou a corrida e Paulo o convidou para o próximo sábado e convocou a delegação de exilados: o chofer tinha um grupo de cantadores. Claro que de vez em quando era possível, também, comer um pãozinho de queijo mineiro...

Isso tudo me vem assim de memória nesse momento em que ele, Secretário da Educação, abre essa casa, esse mundo que, na verdade, deve fazer a educação em São Paulo e me chama para cá, para falar um pouco: o Moacir, até quando me fez o convite em nome do Paulo e dele, da equipe, me dizia (eu acho que para me enganar um pouco): "Não, Paulo, 30 minutos, uma conversinha e acabou". E eu fiz que acreditava, (mas podia ser que fosse verdade), e aqui estou. Eu gostaria, antes de começar a pensar alto sobre o tema, de me juntar, sem ter sido propriamente chamado, a essa homenagem fantástica que se faz também a Fernando de Azevedo, simplesmente contando a vocês um pedaço da minha experiência de existência de educador.

Eu era muito moço, muito jovem ainda — portanto faz um bocado de tempo — no Recife. Eu devia ter possivelmente 25, 26 anos, trabalhando, buscando, pesquisando, escrevi, um dia a Fernando de Azevedo, uma carta tímida em que eu falava de algumas inquietações da época, das minhas buscas. E o Fernando de Azevedo me respondeu, quase na volta do correio, numa carta serena, num estilo sério, mas profundamente estimulante, dizendo que eu devia continuar buscando, trabalhando.

Depois eu escrevi de novo e ele me respondeu novamente. E uma vez eu vim a São Paulo com Elza, que era minha namorada, e do hotel eu me arrisquei timidamente a telefonar a Fernando de Azevedo. Peguei o telefone uma vez do gancho. Voltei. Devolvi. Insisti, até que definitivamente disquei, e alguém disse: "Alo"! Quem fala?" E eu perguntei se o professor Fernando de Azevedo estava. A pessoa disse que sim e perguntou quem era. Eu disse — Olha, acho que não adianta muito dizer quem é porque o professor não me conhece. Eu sou um moço do Recife (e naquele tempo eu era muito conhecido, muito por causa de Elza e minhas filhas pequenas, pelos meus vizinhos de rua, e alguns amigos. Na cidade se podia dizer: "Aquele cara se chama Paulo Freire", mas não: "Aquele cara é Paulo Freire". Há uma diferença). Então o moço me perguntou e eu disse: "Diga que é um rapaz pernambucano, e me chamo Paulo Freire." Em seguida, o professor Fernando fala no telefone e me diz: " — Ora! Como é que não te conheço? E as tuas cartas?"

Eu realmente fiquei tocado por aquela conotação realmente de humanidade, não só humanista, e aí eu me animei, e já sem muita timidez, me convidei a ir a casa dele.

Ele marcou a hora e eu fui com Elza. Tivemos uma larga conversa à noite. Eu me lembro que mais ou menos, às 10 e pouco, eu me preocupei com o tempo que passava. Ensaiei uma despedida, doido também para não sair, mas era preciso pelo menos fingir que era hora de sair, e ele me disse: — Não, não. Fique mais um pouco. E eu fiquei até 11 horas.

Eu ainda tenho hoje no corpo consciente a sensação com que eu deixava a casa do professor Fernando: uma espécie de plenitude intelectual, moral.

Depois nunca mais pude estar com o professor Fernando de Azevedo. No exílio também me lembrei de escrever a ele; me lembrei, mas terminei não o fazendo. É isso que eu queria contar singelamente, para, com essas palavras, dizer da minha sensibilidade por estar nesta sala, que tem o seu nome hoje...

Agora algumas palavras nesses realmente 30 minutos de que falava Gadotti. Há várias possibilidades de alguém se aproximar de um tema: o difícil é apanhar um aspecto do tema sem esquecer as implicações deste, tomado com outros aspectos que constituem a totalidade compreensiva do tema, como é difícil também apanhar a totalidade do tema, sobretudo em 30 minutos... Então aqui eu vou me aproximar de tema, apanhando um aspecto dele: por exemplo, claro, eu poderia discutir um pouco pelo menos, dizer o que eu acho da relação Escola Pública-Escola Privada. Vou simplesmente deixar de lado, porém afirmando a minha absoluta adesão à Escola Pública desde o tempo em que eu escrevia minhas cartas a Fernando de Azevedo e a Anísio Teixeira também.

Mas o que eu gostaria de fazer aqui, pensando alto, era tentar algumas considerações, aproveitando a relação Escola Pública e Democracia, que é sobre o que me pediram para dizer algo e pensar, refletir sobre certos aspectos, sobre certos problemas, desta compreensão entre Escola (e eu até tiraria já agora o próprio "pública") e Democracia, Educação e Democracia.

Vou fugir também nestas reflexões, tanto quanto eu possa, a considerações mais teorizantes em torno do tema, e vou ver se pinço alguns momentos mais concretos em torno dele. Em primeiro lugar, porém, eu gostaria de dizer que, para mim, o tema da Democracia se adjetivos — a não ser o que eu diria da radicalidade democrática, e por isso mesmo eu não ponho nem adjetivos à democracia, mas eu tomo a democracia como adjectivação da radicalidade — para mim, esse tema é, indiscutivelmente, um tema gerador deste fim de século, e não só entre nós. Mas esse tema, absolutamente vivo, é um dos desafios nossos... Mas aqui, como brasileiro, como educador, o que eu gostaria era de me experimentar um pouco na reflexão deste tema, ou de me reexperimentar, na consideração desta relação, no caso brasileiro: "Educação e prática democrática", por exemplo.

Talvez fosse importante salientar também um dado da nossa vida política, da nossa história cultural social, que é o de uma marcante presença de autoritarismo, que permeia toda esta prática política brasileira, quer dizer, essa marca de autoritarismo, com "n" desdobramentos, como por exemplo, a arrogância do poderoso, a petulância do poderoso, a impressão que dá de que é o dono de tudo e também do saber; que é dono das respostas, de que sabe tudo.

Há uma espécie de onisciência nesses traços marcantes do autoritarismo brasileiro, que inclusive corta as classes sociais no Brasil. Evidentemente, longe de mim, longe de nós, pensar que essa marca autoritária faz parte da natureza do ser brasileiro. Não, isso seria uma metafísica muito ruim. Isso se constitui historicamente, e será historicamente substituído, superado. Não por acaso, na medida, porém, em que, confrontando as situações conflitivas e aceitando o envolvimento nos conflitos, na medida que lutando, tenhamos o compromisso de superar as posturas autoritárias e a arrogância autoritária.

Eu me lembro, e tenho citado muito isso em seminários de que participo, em encontros, em universidades, e não faz mal citar de novo — eu sempre me lembro de um dos bonitos e fortes sermões de Vieira, o sermão que ele fez no hospital da Misericórdia, em Salvador, quando na presença do Marquês de Montalvão, o Vice-rei, e que viera ao Brasil para sentir de perto como andava a guerra no tempo dos Holandeses. O sermão é de Vieira, o tempo era aqueles, portanto, não foi anteontem. Em certos momentos Vieira disse que a enfermidade mais séria, mais grave, que

tinha tomado o corpo do País, era o silêncio, que ele havia sido imposto pelo poder e pelo arbítrio; e continuava, e dizia: várias vezes quis falar, quis protestar, quis pedir, mas sua voz sempre foi tolhida na garganta pelo poder do arbítrio... A gente sente como esse sermão é profundamente atual, só que, feito hoje, poderia ter algumas implicações, que no tempo de Vieira não havia.

Essa marca do autoritarismo, que Paulo de Tarso, a nível de Secretaria, por exemplo, começa a procurar arrebentar, mas só poderá fazê-lo com vocês, porque sem vocês essa marca não se arrebenta.

Para mim, uma das tarefas fundamentais nossas, como educadores, é inventar na nossa prática de docente, sem medo de que sejamos chamados inclusive de ingênuos e de idealistas, ou, às vezes, até de puramente escola-novistas.

É preciso ter a coragem da humildade de nos experimentarmos democraticamente; é preciso ter a coragem de assumir e de criar na gente humildes virtudes. Num parênteses, eu gostaria de dizer a vocês que as virtudes não caem do céu, nem são enviadas por correio a ninguém, as virtudes não se transmitem intelectualmente, por que as virtudes são encarnadas na praxis, ou não.

E eu gostaria, nessa altura, pensando nesse problema tão fundamental para nós que é o de uma postura democrática de falar de uma, ou de duas, ou de três virtudes que urgentemente precisávamos na nossa prática, e não fora dela, e não na cabeça da gente; que precisávamos começar a constituir em nós. Uma dessas virtudes, seria, por exemplo, a virtude de considerar, de admitir, e de respeitar os educandos — não enquanto puras individualidades, mas enquanto expressões de uma prática social de que também fazem parte. Que eles, quando vêm para nós, têm um certo saber, não importa a idade, inclusive. E tem uma curiosidade por saber mais que precisa ser respeitada, não cavilosamente, não taticamente, mas necessariamente. É preciso então que criemos em nós a humildade de ouvir os educandos também, e não apenas desenvolver em nós uma convicção pouco humilde de que sabemos o que os educandos devem vir a saber. Isso faz parte da arrogância autoritária.

Evidentemente que eu não estou propondo aqui a anulação do professor e do educador (ou educadora), eu não estou propondo aqui uma coisa que também, às vezes, se diz: que eu sou — mas equivocadamente, ou por má vontade — espontaneísta. Não estou propondo isso, não estou propondo que a educadora cruze seus braços e deixe os estudantes entregues a eles próprios. Inclusive, ao nível mais político, da prática maior, o espontaneísmo só ajudou, até hoje, a direita, e eu não vim ao mundo para ajudar nenhuma direita.

Então, não é isso que eu estou propondo. Pelo contrário, eu proponho, eu defendo, e eu vivo como educador uma presença curiosa, marcante, viva. Se eu até pudesse ser redundante, eu diria uma presença presente, que o educador e a educadora devem ter, mas numa perspectiva democrática e não autoritária: porque há presença e presença.

A presença democrática, radicalmente democrática da educadora, jamais transforma a presença dos educandos em sombra da presença da educadora. Por outro lado, também a radicalidade dessa presença democrática (agora minha timidez começa a desaparecer) da educadora não poderia jamais levá-la a converter a sua presença em pura sombra da presença dos educandos: isso seria a negação da autoridade indiscutível que a educadora tem de ter, e é.

Quando defendo esta radicalidade democrática como a virtude que devemos criar em nós nesta relação; eu não estou também sugerindo, por exemplo, que não haja diferença ou que não há diferença entre educador e educando. Se não houvesse diferença não haveria, inclusive, como reconhecer um e outro... Há diferenças.

Agora, a questão que se coloca para mim é que, enquanto na prática da virtude radicalmente democrática, a diferença entre educador e educando, em 1º lugar, não precisa estar sendo constantemente sublinhada; em 2º lugar, essa diferença é uma diferença que se dá numa relação em que a liberdade do educando não é proibida de ser, não é proibida de exercer-se; enquanto que a diferença entre o educador, numa perspectiva autoritária, ela se constitui em diferença antagônica.

No fundo tudo isso é uma questão não de pedagogia, mas uma questão política. Eu costumo sempre dizer que a politicidade da Educação — portanto essa qualidade de ser política da educação

que não a permite ser neutra —é que faz necessariamente da educadora uma política e uma artista, e não uma técnica, que apenas se serve da técnica da ciência.

Então é preciso que a educadora, por isso mesmo, tenha uma clareza com a relação a seu sonho que é político, que se procura viabilizar pela educação. A educação entra aí como um caminho para ajudar a viabilidade, a materialização do sonho. É preciso então que a educadora clareie cada vez mais a sua opção política para que ela possa compreender, inclusive melhor, o desenvolvimento da sua própria tarefa de educadora.

Tem uma virtude que está melhor ligada a essa, que eu acho que seria fundamental para nós; é, por exemplo, a da compreensão e do respeito das urgências ou das opções, que nunca são individuais, porque são sempre sociais: as urgências dos educandos também.

Por que apenas as urgências do "staff" central da Secretaria da Educação? Por que só "staff" de técnicos, às vezes já há muito tempo distanciado da prática docente, já há muito tempo afastado de expor-se à problemática da escola? Por que só esse "staff", por mais "bacana" que seja, teria a competência de estabelecer a resposta das urgências? Nesse caso as urgências seriam as urgências de quem se pensa, e até sabe também conhecer de tudo, de tudo que pode e deve ser feito.

Evidentemente, não poderíamos também cair no oposto, que seria não admitir que toda uma equipe de gente que tenha experiência intelectual profunda tenha o que dizer. Claro que tem muito o que dizer, que tem uma tarefa a cumprir. Claro que deve cumprir. Mas a questão que se coloca para mim, aí, na relação entre um "staff" assim, uma equipe como essa e o professorado, é a mesma que eu coloco entre o professor e o aluno; é a questão de novo da aproximação democrática, é a questão de novo do respeito.

Às vezes se diz: "mas acontece que a democracia atrapalha..."

Olha, é uma coisa formidável: esse país está cheio de gente democrática, desde que não haja povo na democracia deles. Quer dizer: a democracia vai muito bem, entrou povo começa a atrapalhar...

Vejam bem, minhas amigas, eu não quero que ninguém pense, por exemplo, que eu esteja, mais uma vez, caindo no idealismo... Que ninguém pense que eu pense que a educação é a alavanca das transformações. O que eu quero dizer é que, se ela é a alavanca das transformações, as transformações são, em si, educativas. Quer dizer, esse aparente paradoxo é fundamental, porque a compreensão desta relação, e do papel da educação, é dialética, e não mecânica, como muita gente pensa...

Eu queria insistir nesse ponto: o respeito às urgências dos meninos, dos jovens: Isso não significa que nós passássemos o ano todinho nas escolas, perguntando aos meninos: "Qual é a tua urgência hoje?" — e não houvesse um programa de trabalho. Não, não é isso. É que a própria programação tem que auscultar as urgências daqueles que devem ser os mais diretamente interessados pela educação, que é a sua educação.

Uma outra virtude, que eu não queria sair daqui sem colocar e que a gente tem que criar na gente, e não é fácil, é bem difícil, e que até exige uma explicação de tal maneira teórica que pode ficar meio abstrata, mas eu vou tentar ser bem concreto. Essa outra virtude é às vezes difícil de ser construída por nós; é a de compreender, por exemplo, o papel de subjetividade na prática histórica, da política, de que a pedagógica é uma dimensão. O papel da subjetividade, no processo da própria transformação do mundo, portanto, a relação entre a subjetividade e a objetividade, o concreto. Em outras palavras, a relação entre a consciência e o mundo. Isso tem sido um dos temas que vem atravessando a história da filosofia e que vem dividindo... O Gadotti até faz uma boa análise, num livro que ele, talvez por vergonha, não indique, mas que eu sugeriria que lessem, como também a obra mais ampla, mais completa de Rossi.

Não é fácil, às vezes, que a gente viva bem essa relação, que para mim vem sendo retomada hoje, a nível mundial. Para mim ela constitui uma compreensão mais crítica dessa relação entre consciência e o mundo, o que constitui também um dos temas deste fim de século.

Não é muito difícil, percorrendo as ruas da história, dobrando as esquinas da história, que um de nós não seja tentado a enfatizar e a exclusivizar a subjetividade, ora a objetividade, uma em detrimento da outra: a tentação, por exemplo, de dizer, que o mundo se transforma na intimidade da consciência e que por isso, então, a educação vira a alavanca para essa compreensão, é idealista e ingênua.

Essa compreensão ingênua da relação da subjetividade com o mundo que tem levado muita gente, ingenuamente às vezes, astutamente quase sempre, a dizer que para transformar a sociedade a gente precisa em primeiro lugar transformar o coração das pessoas, e depois que as pessoas forem boazinhas, generosas, amigas, com o coração grande, amoroso, aí essas pessoas farão uma obra linda, amorosa, que é o mundo novo, feito por gente boa. Isso não tem nada a ver com a história, nada a ver com a pedagogia verdadeira. Isso é astúcia de quem tem poder e não quer perdê-lo, ou é ingenuidade de quem confunde o ato verdadeiro de amar e eu espero que nenhum de nós caia em qualquer dessas duas hipóteses.

Mas às vezes a tentação contrária é a de negar a existência da subjetividade, reduzindo-a a um puro reflexo das condições materiais. Isso também não tem nada a ver com a realidade, não tem nada a ver com a compreensão dialética e não formal, e não mecânica, entre a subjetividade e a objetividade

Esse é um tema ao qual a educação democrática, radicalmente democrática, tem que atender. Nós, os educadores, temos que experimentar essa coisa difícil que nos leva a compreender dialeticamente a relação entre a subjetividade e objetividade e, dessa maneira, ao mesmo tempo que a gente encarna essa virtude difícil em face desta compreensão necessária, ao mesmo tempo a gente melhora, na gente mesmo, a compreensão da nossa prática.

Finalmente, eu deixei para o fim uma outra virtude, que tem que ver com tudo isso, que foi dito pelo Paulo de Tarso e pelo Sr. Governador; tem que ver com algumas coisas que foram ditas, que é outra virtude difícil de ser vivida, de ser encarnada: é a virtude da tolerância.

Essa não é apenas uma virtude que pudesse e devesse ser enquadrada entre as chamadas virtudes espirituais ou uma postura religiosa; eu acho que é uma virtude também política, eminentemente política.

A tolerância, minhas amigas e, quando eu digo minhas amigas, eu incluo os homens presentes, eu explico porque incluo, porque eu gostaria, no momento, aqui, num Fórum Democrático, de contradizer a ideologia que diz que isso é problema de sintaxe, que poderia ser sintaxe (e é), mas ao sê-lo mostra também que a sintaxe não é neutra: quando menino se ensinou a mim que toda vez que a gente diz "homem", a gente incorpora as mulheres, e se dizia havendo 10 milhões de mulheres e um homem, se for percebido pelo orador, ele tem que dizer "todos vocês"... Pois agora eu digo a vocês que a minha sintaxe mudou, na medida que eu descobri a ideologia da velha sintaxe. Eu digo: "todas vocês" e não apenas: "todos vocês".

Para terminar, duas palavras sobre uma palavra, ou duas palavras numa só afirmação, sobre a tolerância: a tolerância é a virtude de conviver com o diferente para poder brigar com o antagônico.